

# RECATEGORIZAÇÃO: UM ESTUDO DO PROCESSO NAS CHARGES

Vanessa Raquel da Costa Furtado (UFPI)  
vanerafortado@hotmail.com

## Resumo

Os vários estudos sobre texto e leitura desenvolvidos nos últimos anos, são categóricos afirmando que a leitura de um texto em muito ultrapassa a decodificação de seus signos linguísticos. Antes de tudo, deve-se ressaltar o que se acredita ser texto. Tomando por base a concepção adotada pela Linguística do texto que o trata enquanto produto sociocognitivo, acreditamos que o texto chargístico é um construto que inclui em seu olhar essa ideia de “novo” texto, mais dinâmico, construído não somente tendo por base o verbal. Como gênero, tanto no aspecto lexical quanto no visual, a charge é um texto rico, plural; seu caráter multimodal é o que nos incita a construir um trabalho neste campo. Por conta disso, é que adotamos neste trabalho, a fim de mostrar como o processo referencial da recategorização acontece também por meio da imagem. Na charge, entendemos que o processo acontece numa mescla de elementos verbais e visuais que conjugados modificam e dão sentido ao texto. Busca-se aqui analisar algumas charges e mostrar em tais análises que o processo referencial da recategorização acontece tanto pelo léxico quanto pelo imagético. Tendo como horizonte teórico-metodológico principalmente autores do campo da Linguística do texto e da semiótica, recorreremos especialmente a Lima (2003; 2009) e Mondada e Dubois (2005) que tratam da referenciação de modo mais específico. Temos por base ainda os textos que versam sobre a charge e seu funcionamento discursivo. Como resultado, identificamos operadores cotextuais (lexicais e imagéticos) e contextuais na construção do sentido do texto e na recategorização apresentada através do texto chargístico.

**Palavras-chave: Recategorização. Charge. Imagem.**

## 1. SOBRE A CHARGE

O texto escolhido para análise aqui é a *charge*, que não se constitui propriamente um gênero textual, mas um microgênero de HQ (história em quadrinhos). Um texto que contempla as linguagens verbal e visual, aliadas de forma a enriquecer o sentido do texto tem como característica identificadora (característica essa que a diferencia do cartum, por exemplo) estar ligada a um fato do noticiário ou ainda a um tema<sup>1</sup> abrangente em voga. A charge constitui-se enquanto uma apresentação de um fato cotidiano recheada de sátira e ironia.

O princípio da charge é o humor. Esse princípio se constrói pela crítica e caricatura que o chargista faz dos fatos a que se reporta para construir seu texto. Ele não apenas transfere

---

<sup>1</sup> Política, corrupção e meio ambiente são os mais recorrentes.

a notícia conforme ela lhe foi apresentada. O acontecimento é reconstruído e, por isso, criticado e satirizado. Em sua construção, o texto apresenta detalhes que fornecem dados suficientes para a compreensão do leitor, tais como a caracterização do ambiente e as marcas simbolizando o tema tratado.

Ramos (2009, p. 193) diz que a charge “é uma leitura irônica de alguma informação”. É comum o chargista não revelar explicitamente em qual fato se inspirou. No entanto, pode acontecer. Um dos princípios da leitura do texto chargístico é que o próprio leitor conheça o texto-fonte para compreendê-lo. Quando isso não acontece, a compreensão fica comprometida, pois não se vai depreender o sentido.

A charge, por reportar-se a fatos veiculados em notícia, pode-se considerar um intertexto. Ela dialoga diretamente com as notícias, vezes explícita, vezes implicitamente. Acerca desse diálogo Bakhtin (*apud* KOCH, 2008, p. 16) discorre que “o texto só ganha vida em contato com outro texto. Somente nesse ponto de contato entre textos é que uma luz brilha, iluminando tanto o posterior quanto o anterior, juntando dado texto a um diálogo”.

O chargista privilegia a mensagem visual, logo a mensagem verbal é reduzida, e o contexto fortemente marcado. Pode-se afirmar ainda a charge tem características de um texto de opinião, afinal o intertexto é a visão do autor sobre a realidade recriada.

Na seção a seguir, trataremos mais a fundo sobre a questão do visual na construção do texto.

### *1.1 O papel da imagem no discurso*

A história recente da Linguística Textual mostra a constante reformulação pela qual tem passado a definição de texto, que a cada estudo ganha novos limites e encarna novas concepções. Cavalcante e Custódio Filho (2010) iniciam uma discussão sobre texto em que incluem outras semioses, destacando o não verbal.

Podemos dizer, então, que a já aludida natureza multifacetada do texto comporta em sua constituição a possibilidade de a comunicação ser estabelecida não apenas pelo uso da linguagem verbal, mas pela utilização de outros recursos semióticos. (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO, 2009, p. 64)

Desde que se começou a pensar o texto não somente como construto linguístico, mas uma conjugação de aspectos cognitivos vários, outras formas de “simbolizar” o mundo

passaram a ganhar espaço nas discussões. A imagem, em especial, de acessório passou a integrar ativamente a construção de discursos em diversas esferas.

Com o advento da virada visual<sup>2</sup> passou-se a dar ênfase à imagem como objeto de discurso e os estudos vieram a seguir uma tendência multimodal que descentraliza da língua o seu sentido.

Podemos dizer que a charge é multimodal, pois ela alia língua e imagem e nem uma nem outra é o centro do que se quer comunicar. O que acontece é que o sentido do texto é resultado de uma inter-relação entre as linguagens. No caso das charges animadas ainda temos mais recursos presentes: o som e o movimento.

Além de recursos que o cotexto disponibiliza, o leitor recorre ao contexto como porta para a captação do sentido, que não é resultado apenas da intenção do autor, mas de um trabalho cognitivo complexo. Sobre a compreensão da imagem, característica do texto chargístico, Eisner (1989, p. 13) recorre ao termo *experiência* para designar o que a Linguística Textual denomina *repertório*, frisando a importância deste aspecto na construção dos sentidos do texto.

A compreensão de uma imagem requer uma comunidade de experiência. Portanto, para que sua mensagem seja compreendida, o artista sequencial deverá ter uma compreensão da experiência de vida do leitor. É preciso que se desenvolva uma interação, porque o artista está evocando imagens armazenadas nas mentes de ambas as partes. (EISNER, 1989, p. 13)

O chargista, enquanto produtor, se utiliza desse processo descrito por Eisner: ele parte do pressuposto de que o leitor “evoca imagens” dos fatos acontecidos e, a partir daí reconstrua o texto, conforme seu repertório e conhecimento de mundo.

A utilização da imagem para comunicar não é uma inovação. Percebemos, no entanto, que tem trazido ao texto um caráter menos tradicional: aquele que se utiliza somente da língua. A grande mudança na concepção de texto está justamente no caráter multimodal – antes mencionado – que cada vez mais está se incorporando.

No tópico a seguir, trataremos um pouco sobre o processo de recategorização e suas concepções.

## **2. O PROCESSO DE RECATEGORIZAÇÃO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

---

<sup>2</sup>Essa expressão foi utilizada por Mozdzenski (2009) como o termo mais recorrente dentre os adotados para descrever uma tendência aos estudos visuais.

Antes mesmo de referirmo-nos à recategorização em si é conveniente apontar alguns estudos que mostram a evolução que vai desde a noção de *referência* ao conceito de *referenciação*.

Há tempos tem se discutido a questão da relação entre as palavras e as coisas, relação esta que se dá através da língua (MONDADA; DUBOIS, 2003), ou seja, pensava-se em referência como uma relação entre termos previamente dados e expressos na superfície textual. No entanto, a corrente sociocognitivista desenvolvida na Linguística Textual propõe que esse processo se dá tanto a partir do cotexto quanto do contexto e de atividades cognitivas.

Os estudos começaram a tomar novos rumos quando se mudou a rota: o texto, de processo cognitivo, passa a ser sociocognitivo. Por conta disso, a perspectiva da referência foi dando lugar à referenciação, que Koch (2005) define como

atividade discursiva. O sujeito, por ocasião da interação verbal, opera sobre o material linguístico que tem a sua disposição, realizando escolhas significativas para representar estados de coisas, com vistas à concretização de sua proposta de sentido” (KOCH, 2005, p. 34:5).

Esta nova visão é adotada acreditando no “texto como lugar de interação entre os atores sociais e de construção interacional de sentidos (concepção de base sociocognitiva-interacional)” (KOCH *apud* LIMA, 2009, p.17).

O postulado, à luz da perspectiva sociocognitiva interacional da língua, transforma o texto em lugar de interação. Sobre a importância dessa evolução do referencial ao sociocognitivo, Marcuschi (2007, p. 95) diz que

Caso aceitemos que a língua é um instrumento para falar o mundo (língua como forma de representação referencial do mundo), então teremos na correspondência a garantia da verdade desse discurso. Com uma visão sócio-cognitiva e não referencialista nem representacionalista da língua, privilegiamos as relações sociais instauradas pelos interlocutores mediante os recursos linguísticos.

O sujeito enquanto ser social e individual passa a fazer parte do processo de construção dos sentidos do texto. Além de processos linguísticos e cognitivos, os fatores socioculturais permeiam os novos rumos dados ao texto pela Linguística Textual.

Desenvolver os estudos nesta perspectiva foi essencial para a configuração da referenciação como a temos hoje: instituída de forma a orientar aos propósitos comunicativos,

e não uma relação estanque entre língua e mundo. A atividade referencial passa de representação dos objetos do mundo e se estabelece na construção de objetos do discurso, ultrapassando, portanto, a materialidade linguística.

Para Mondada e Dubois (2005) os objetos de discurso são construídos por colaboração dos sujeitos, rejeitando a concepção de referência como representação de objetos do mundo preexistentes à ação discursiva. Pelo contrário, as autoras discorrem que sobre a instabilidade das categorias.

(...) está ligada a suas ocorrências, uma vez que elas estão situadas em práticas dependentes tanto de processos de enunciação como de atividades cognitivas não necessariamente verbalizadas, práticas de sujeitos ou de interações em que os locutores negociam uma versão provisória, contextual, coordenada do mundo. (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 29).

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) falam em “recategorização lexical”, que segundo Lima (2009, p. 40) “é, em certa medida, reducionista, ao apontar somente para a dimensão textualmente manifesta do fenômeno”. A crítica do conceito dos autores se dá porque em sua concepção as recategorizações são ancoradas apenas na materialidade linguística.

Marcuschi e Koch (2002) também definem a recategorização e acrescentam a seu conceito que não necessariamente um elemento lexical serve de âncora, mas também uma ideia ou o contexto funcionam como aspecto fundamental à construção da inferência.

Tomando o texto como um construto sociocognitivo, podemos dizer, portanto, que a materialidade é apenas um dos aspectos a se considerar no complexo processo de compreensão textual. Para Lima (2003) a recategorização é um processo cognitivo-referencial que

(...) não necessariamente se homologa por uma relação explícita entre um item lexical e uma expressão recategorizadora na superfície textual, estando a sua (re)construção, em maior ou menor grau, sempre condicionada pela ativação de elementos inferidos do plano contextual. (LIMA, 2009, p. 40)

Lima (2009) trata das *recategorizações metafóricas manifestadas lexicalmente e não-manifestadas lexicalmente* conforme seu grau de explicitude maior ou menor, respectivamente. Ela assegura que no segundo caso, a ativação da compreensão acontece por elementos extratextuais como contexto, conhecimento prévio, inferência e outros.

Para as nossas análises, o conceito de recategorização adotado por Lima (2003) será de fundamental importância. No entanto, será extrapolado, porque não só o plano lexical é contemplado, mas também o plano visual/imagético, característica do texto em análise: a charge.

A natureza cognitiva da categorização é mais ampla que a linguagem, pois a mente humana categoriza independentemente dos correspondentes linguísticos emparelhados com essas categorias, de modo que as manifestações linguísticas revelam apenas parcialmente os processos de categorização, manifestos ou não, por diferentes *expressões sígnicas* em variados graus de explicitude/implicitude. (LIMA, 2009, p. 52, grifo nosso)

Destacamos a passagem para expandir seu sentido ao signo não somente como Saussure o define, mas incluindo aí o signo enquanto algo que representa (conceito semiológico). Na concepção de Saussure, o referente está excluído do signo. Conforme Fontanille (2008), isso se dá por consequência de sua definição de signo: a ligação com o referente é arbitrária. Já Peirce, com a Semiótica do discurso, dá ao referente um papel efetivo.

O funcionamento do signo pode ser resumido da seguinte forma: um *objeto dinâmico* (objeto ou situação percebidos em toda sua complexidade) entra em relação com um *representamen* (aquilo que o representa), mas isso apenas de um certo ponto de vista (*sob certo aspecto ou modo*) designado aqui como *fundamento*. Esse ponto de vista, ou *fundamento*, seleciona no *objeto dinâmico* um de seus aspectos pertinentes chamado *objeto imediato*, e reunião do *representamen* e do *objeto imediato* é feita “em nome de”, ou “para”, ou “graças a” um quinto elemento, o *interpretante*. (FONTANILLE, 2008, p. 39)

O signo, nessa perspectiva, não seria a verdade. É sobre isso que falamos quando dizemos que a charge é construída a partir da visão de alguém – o autor – acerca de algo que lhe é dado como verdade. O texto é a sua verdade, é sua visão, sua representação. As manifestações de outros signos, além dos linguísticos, mostram-se essenciais à construção da verdade que o autor do texto chargístico que representar.

A recategorização na charge pode acontecer por meio da imagem e ou do texto verbal. E nem sempre é necessário que no próprio texto haja uma introdução referencial. O referente recategorizado está geralmente no texto-fonte. Acerca deste aspecto, desenvolveremos nas análises tais observações.

## 2.1 A recategorização nas charges



Charge 1 - Fonte: blog Ivan Cabral

A charge 1 é um texto bastante atual e baseado em um fato recente da política nacional: o envolvimento do hoje ex-Senador da República Demóstenes Torres ao empresário “Carlinhos Cachoeira”. Este último tem seu nome ligado a esquemas de corrupção e crime organizado. O fato desencadeou vários acontecimentos que viraram notícias de grande veiculação em todas as mídias.

No caso, começadas as investigações por uma CPI, o contraventor Cachoeira negou-se a falar sobre tal.

Abaixo, uma dentre as várias notícias.

22/05/2012 - 17h06

### Cachoeira fica calado em CPI e comissão quer nova data para depoimento

JOSÉ ERNESTO CREDENDIO  
RUBENS VALENTE  
ANDREZA MATAIS  
DE BRASÍLIA

Recomendar 377 +1 1

Atualizado às 17h49.

Diante da negativa do empresário Carlos Augusto Ramos, o Carlinhos Cachoeira, de responder a perguntas de parlamentares, a CPI do Cachoeira encerrou a reunião nesta terça-feira e agora deve remarcar uma nova audiência com o personagem central do escândalo político.

Durante a sessão, o empresário deu as mesmas repostas às perguntas que lhe foram feitas e usou o direito constitucional de ficar calado. O silêncio do empresário chegou a incomodar os parlamentares com a insistência. Cachoeira foi, inclusive, ofendido por alguns, como o senador Alvaro Dias (PSDB-PR), que o chamou de "marginal".

A senadora Kátia Abreu (PSD-TO) sugeriu que os parlamentares deixassem de fazer perguntas para não "entregar o ouro ao bandido", adiantando perguntas que podem ser respondidas por Cachoeira futuramente. A senadora ainda disse que o empresário era uma "múmia" e "chefe de quadrilha", e fazia os membros da CPI de "palhaços" ao ficar calado.

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/1094100-cachoeira-fica-calado-em-cpi-e-comissao-quer-nova-data-para-depoimento.shtml>

A ação do empresário gerou revolta entre os parlamentares, e, claro, desencadeou a criticidade humorística acerca do fato.

Ao ler a charge, o leitor retoma a notícia ou o fato que a ela dá origem e atribui sentido ao texto. Analisando primeiramente a imagem, vemos três pessoas que por sua caracterização definimos com um padre e um casal de noivos.

O texto verbal dito pelo personagem padre “Se alguém tem algo contra esta união, que fale agora ou *cachoeire-se* para sempre” remete ao texto religioso proferido durante as cerimônias de casamento. No entanto, o chargista recria o texto original adotando *cachoeire-se* em lugar de *cale-se*. O leitor imediatamente constrói essa interpretação, conjugando mensagem verbal e não-verbal.

O termo *cachoeire-se* é uma recategorização de silêncio, do calar-se, do que Cachoeira fez durante a CPI. Sem a imagem seria pouco provável construir o sentido, pois a fala só se dá como uma recriação do texto religioso porque a imagem proporciona ao leitor a interpretação.

Segundo Lima (2003), podemos enquadrar esse texto como um tipo de *(re)categorização metafórica não-manifestada lexicalmente*, pois aparece uma âncora lexical no texto, no entanto a referência somente é possível pelo trabalho cognitivo do leitor precisa ser conhecedor da fonte para que a inferência aconteça.



Charge 2 - Fonte: <http://novacharges.files.wordpress.com/2008/08/candidatop.jpg>

A charge apresentada acima está dentro de uma categoria da qual já falamos anteriormente: ela trata de um tema abrangente e não de um fato específico. Por isso, é que mesmo ela tendo sido produzida num outro contexto que não atual, ela não “envelheceu”, o que geralmente acontece com outros textos chargísticos.

O personagem que se apresenta como candidato aparece de feição alegre e a mostra uma ação comum em época de eleição: estender a mão aos eleitores. O outro personagem, em sua fala e no ato de levantar os braços, vê o outro não como um candidato, mas como alguém que está ali para lhe fazer mal. Quando o político estende a mão lembra também a ação dos bandidos de apontar a arma à vítima. A imagem mostra o desespero do eleitor diante do outro.

Pode-se dizer que a imagem e a fala do personagem não apenas retomam o termo candidato, mas modificam-o, fazendo, portanto, a recategorização do item lexical anteriormente citado. O propósito comunicativo da charge é, nesse sentido, reiterar a noção arraigada no senso comum de que todo político é ladrão. Nesse caso, portanto, *candidato* político diz respeito a alguém corrupto.

A recategorização acontece cotextualmente, embora não explicitada pelo texto verbal. A imagem é a característica do texto responsável pela ocorrência da recategorização.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É sabido o quanto as charges têm a oferecer em termo de temática e riqueza em sua construção textual. O presente trabalho é apenas um embrião nos estudos da recategorização nas charges, visando dar ênfase à perspectiva da recategorização manifestada pela imagem, pois a literatura apresenta somente exemplos desse processo de referenciação de natureza lexical.

É importante salientar a dificuldade em desenvolvê-lo – pela escassa teoria – e em classificar tais ocorrências de recategorização. No entanto, acreditamos que seja da alçada da Linguística Textual ocupar-se de textos não verbais e, por isso, o interesse em fazê-lo.

Acreditamos que há muito a se fazer ainda e é o que pretendemos: desenvolver os estudos na perspectiva de elaborar mais conceitos e promover uma classificação das ocorrências de recategorização manifestada no texto através da imagem.

### **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CAVALCANTE, M. M; CUSTÓDIO FILHO, V. Revisitando o estatuto do texto. *Revista do GELNE*, Piauí, v. 12, n. 2, 2010.

EISNER, W. *Quadrinhos e arte sequencial*. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FONTANILLE, J. *Semiótica do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.

KOCH, I. G. V. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (orgs.). *Referenciação e discurso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

\_\_\_\_\_.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LIMA, S. M. C. *(Re)categorização metafórica e humor: trabalhando a construção dos sentidos*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

\_\_\_\_\_. *Entre os domínios da metáfora e da metonímia: um estudo de processos de recategorização*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

MARCUSCHI, L. A. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARCUSCHI, L.A., KOCH, I.G.V. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: ABAURRE, M. Bernadete, RODRIGUES, A.C.S. (orgs.). *Gramática do Português Falado*. v. VIII. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2002. p. 31-56.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M; RODRIGUES, B. B; CIULLA, A. (orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto: 2003.

MOZDZENSKI, L. A intertextualidade no videoclipe: uma abordagem discursiva e imagético-cognitiva. *Contemporânea*, vol. 7, n. 2. 2009.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.